

ESCOLA E TRABALHO: representações e significados ambivalentes dos jovens das escolas públicas da Região Metropolitana de Aracaju no contexto Pós-Pandemia

Ivan Fontes Barbosa (UFS)¹
ivanfontesbarbosa@gmail.com

Luciana Barreto Dinelli (UFS)²
lucianabarreto1991@hotmail.com

RESUMO

O presente texto, recorte dos resultados de um estudo desenvolvido sobre as políticas públicas de enfrentamento da Pandemia COVID 19 em Sergipe, apresenta algumas conclusões da pesquisa sobre as representações da juventude das escolas públicas da Região Metropolitana de Aracaju acerca das relações entre trabalho e educação. Metodologicamente falando, esse trabalho foi fundado na análise dos dados auferidos a partir da aplicação de cerca de mil questionários, aplicados a turmas do ensino médio, e da realização de cerca de 20 entrevistas com discentes e docentes. Os horizontes teóricos utilizados, construídos a partir das contribuições de Pierre Bourdieu e Bernard Charlot, permitiram mensurar algumas das relações que os jovens das classes populares estabelecem com a escola e com o mundo do trabalho. Em Bourdieu, a escola opera a partir da lógica da reprodução das desigualdades sociais, ao valorizar os capitais culturais desigualmente distribuídos e transforma diferenças sociais em diferenças escolares legítimas, produzindo disposições – habitus – que orientam expectativas realistas ou resignadas em relação às trajetórias educacionais e profissionais. Já Charlot desloca o interesse para a experiência vivida dos sujeitos, enfatizando a “relação com o saber” como uma construção social e simbólica que envolve sentidos, valores e projetos atribuídos à escolarização, especialmente entre jovens que precisam conciliar estudo, trabalho e sobrevivência. Enquanto Bourdieu evidencia os limites estruturais que pesam sobre as aspirações dos jovens das classes populares, Charlot permite captar como esses mesmos jovens produzem sentidos próprios para a escola e o trabalho, negociando expectativas, frustrações e estratégias em contextos marcados pela precariedade. Juntas, essas perspectivas possibilitaram a análise dos condicionamentos sociais estruturais e as interpretações subjetivas que orientam as escolhas, os investimentos escolares e as projeções profissionais desses jovens. Se, por um lado, entendem que a escolarização é requisito básico para qualquer inserção profissional e veem a conclusão do ensino médio e o acesso ao ensino superior como caminhos para ascensão social. Por outro enfrentam um mercado de trabalho marcado por precariedade, altas exigências e baixa remuneração. Esses fatores alimentam dúvidas sobre a real capacidade da escola de garantir empregabilidade. Assim, as representações juvenis oscilam entre a esperança

¹ Doutor em Sociologia (UFPE). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9939602818173202>

² Doutoranda em Sociologia (PPGS/UFS). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4001441752089238>

de mobilidade social e a percepção de que a formação escolar poucas vezes dialoga com as demandas e exigências requeridas pelo cenário do trabalho contemporâneo e por suas condições objetivas de vida (lógica da necessidade).

Palavras-chave: Escola, Trabalho; Juventude; Sociologia;

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre (2007) Escritos de Educação. 9.ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- CHARLOT, Bernard (2014) As relações com os estudos de alunos brasileiros do ensino médio. In: KRAWCZYK, Nora (org.) Sociologia do ensino médio: crítica ao economicismo na política educacional. São Paulo, Editora Cortez. p.63-92.
- CHARLOT, Bernard. Juventudes sergipanas: relatório de pesquisa. Aracaju, 2006.
- MARTINS, H. H. T. de S. (2001). O processo de reestruturação produtiva e o jovem trabalhador: conhecimento e participação. Tempo Social, 13(2), 61–87.
<https://doi.org/10.1590/S0103-20702001000200004>
- NOGUEIRA, Cláudio e NOGUEIRA, Maria A. (2009) Bourdieu e a Educação. Belo Horizonte, Autêntica.